



RELICI

COPRODUÇÕES CINEMATOGRAFICAS: CHAVE DO CINEMA INDEPENDENTE¹

CINEMATOGRAPHIC COPRODUCTIONS: KEY TO INDEPENDENT CINEMA

Roberto - Minadeo²

RESUMO

O objetivo do artigo é apontar a importância das coproduções cinematográficas. Foram verificadas inúmeras coproduções realizadas entre países com recursos abundantes – com as mais ricas e diversas associações possíveis. Também se pode verificar que as coproduções com apoio governamental são importantes ferramentas para viabilizar filmes entre países latino-americanos. Além disso, no eixo Brasil-Portugal, há uma tradição de várias décadas no uso de coproduções. Textos futuros podem focar coproduções específicas, inclusive mediante a coleta de dados primários.

Palavras-Chave: cinema, coproduções cinematográficas.

ABSTRACT

The objective of the article is to highlight the importance of cinematographic co-productions. There were numerous co-productions carried out between countries with abundant resources – with the richest and most diverse associations possible. It can also be seen that co-productions with government support are important tools for making films between Latin American countries viable. Furthermore, on the Brazil-Portugal axis, there is a tradition of several decades in the use of co-productions. Future texts may focus on specific co-productions, including through the collection of primary data.

Keywords: Cinema, Cinematographic Co-productions.

METODOLOGIA

Foram utilizados no estudo apenas materiais acadêmicos: livros, artigos de Revistas e de Congressos, além de um Trabalho de Conclusão de Curso. Enquanto

¹ Recebido em 06/01/2025. Aprovado em 15/01/2025. DOI: doi.org/10.5281/zenodo.14976635

² Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico/Centro Universitário do Maranhão. rminadeo@gmail.com



RELICI

há abundância de material a respeito de filmes coproduzidos, notou-se dificuldade em encontrar textos teóricos a respeito das coproduções cinematográficas. Cada coprodução foi tratada com a profundidade permitida pelos textos consultados. Cabe apontar que os dados entre parênteses, além do ano da produção, se referem aos produtores, muitas vezes ausentes do texto citado.

INTRODUÇÃO

Os problemas de estruturas de produção e de falta de políticas culturais levam às coproduções como necessidade e desafio, à produção de filmes com um propósito ético-estético novo, a fim de não ceder à lógica do mercado. Esse esquema, fruto da globalização, possibilita ampliar as condições de produzir filmes, sobretudo no cinema periférico. O caráter autônomo dos filmes depende de haver liberdade econômica e política para o cineasta experimentar. Vencer o dirigismo econômico empresarial ou político estatal torna-se um desafio para o cinema periférico em contexto global (SOARES, 2009).

O conceito da transnacionalidade é usado no estudo de coproduções de diferentes países, para desafiar o velho cinema nacional. O fenômeno não é novo, mas sua importância cresceu pela maior proporção de produções cinematográficas, financiadas, distribuídas e recebidas de forma global (FERREIRA, 2008).

A Ibermedia é um incentivo cinematográfico voltado a coproduções de longas-metragens (ficção e documentário) a 19 países latino-americanos. Iniciando em 1998, a Ibermedia ajudou a financiar 636 projetos de coprodução, contribuiu para a exibição de 298 longas-metragens e concedeu 2.700 bolsas de estudo nos países que representa. A seguir estão algumas das principais características da Ibermedia: a) uma coprodução incentivada pela Ibermedia permite que um só coprodutor tenha uma participação no filme de 20% a 80%; b) produtores de países não membros podem ser coprodutores, mas não podem deter mais de 30% do projeto; neste caso, a participação de qualquer coprodutor de países membros não pode ser menor que 10% e o controle precisa ser detido por um coprodutor de um país membro; c) para



RELICI

coproduções multinacionais onde a participação dos coprodutores é dividida em participação ativa em espécie e exclusivamente participação de financiamento, o coprodutor que só financia deve financiar não menos que 10% e não mais que 25% do projeto; e d) a participação de qualquer coprodutor deve incluir pelo menos um membro criativo da equipe, um membro do elenco principal ou secundário e um membro qualificado da equipe técnica. Os membros criativos podem incluir roteiristas, diretores, músicos, editores etc. (SOLOT, 2017).

Portugal participa voluntariamente do Ibermedia – Programa de Desenvolvimento Audiovisual em Apoio à Construção do Espaço Visual Ibero-americano; um fundo financeiro multilateral de fomento às atividades cinematográficas ibero-americanas, com sede em Espanha, que é o maior investidor, investindo anualmente US\$ 2 milhões. O Brasil é o segundo maior investidor, com US\$ 600 mil investidos anualmente (ALVES *et al.*, 2016).

COPRODUÇÕES BRASIL-PORTUGAL

Dentre as primeiras longas-metragens coproduzidas Portugal-Brasil, está “Vendaval Maravilhoso” (1949, Luiz Severiano Ribeiro Jr. e António Lopes Ribeiro), filme histórico deste mesmo produtor, interpretado pela fadista Amália Rodrigues. Como nos primeiros anos de cinema, temas históricos e literários continuam marcantes no cenário contemporâneo das coproduções entre Brasil e Portugal (ALVES *et al.*, 2016). Ferreira (2008) aponta que, dos vinte longas-metragens realizados com financiamento dos órgãos responsáveis luso-brasileiros de 1995 a 2007 dez são adaptações literárias, das quais, oito foram dirigidas por brasileiros e duas por portugueses.

Jom Tob Azulay escolheu António José da Silva, o mais famoso no teatro português do século 18, em “O Judeu” (1995). Marionetes criticam a justiça e a escravidão, com textos de algumas das óperas cômicas do autor, que usam a mitologia para denunciar o abuso de poder dos governantes e mostrar a garra das classes baixas. O filme sugere que estes textos e não os ritos judaicos levaram à



RELICI

acusação pela Inquisição. O filme aponta D. Marcos, que acusa o “judeu”. Há luta entre repressivos e inovadores, representadas por dois brasileiros: António José da Silva e o diplomata Alexandre Gusmão. O filme retrata a colônia como lugar onde há progressistas que colocam em xeque as velhas hierarquias de poder, associadas aos atrasos culturais e político do país matriz Portugal.

Em “Palavra e Utopia” (2000) se trata do padre António Vieira. Manoel de Oliveira, como costuma fazer em suas adaptações, trata dos sermões e cartas como se fossem paisagens, representando atividades ligadas à produção e recepção de textos: escrever, ler e orar, bem como ouvir e acusar.

Djalma Limongi Batista, em “Bocage – O Triunfo do Amor” (1997) escolheu Bocage, apresentado como sensual, quase sempre seminú, que se move de Congonhas (MG) a Évora. As críticas e entrevistas sublinham que se trata de uma obra visual, onde a poesia é falada e inscrita na tela, resultando em um diálogo voluptuoso entre corpos e imagens brasileiros, e as palavras em português.

Helvécio Ratton adapta em “Amor & Cia” (1998) “Alves & Cia” de Eça de Queirós. É um triângulo amoroso entre dois sócios e uma esposa, transferida a Minas Gerais. A história dos dois prósperos sócios lisboetas, cujo relacionamento profissional e pessoal sofre um golpe devido à infidelidade da esposa de Alves com o amigo, é narrada com alterações em relação às personagens, ao adultério e ao final, o Alves generoso e sentimental torna-se ridículo. O amante jovem e elegante acaba como um mulherengo. A esposa entediada é ingênua. Onde o romance não deixa dúvidas, o filme sugere que não houve adultério. A esposa não é culpada, nem quer o conforto perdido, apenas voltar ao amado. A reconciliação pragmática ao lar e ao próspero comércio, sacrificando a honra para evitar o temido duelo, vira reconciliação entre dois apaixonados. O filme substitui a análise portuguesa da acomodação no bem-estar financeiro e na estabilidade social com o clichê da doçura brasileira em um filme pouco gracioso.

A formação do Brasil no século 16 é tema em “Hans Staden” (1999) de Luiz Alberto Pereira, que usa o relato das viagens ao Brasil do autor homônimo como



RELICI

referência. “Duas Viagens ao Brasil” de Hans Staden é cômico e de religiosidade protestante. Neste imaginário, os tupinambás dos quais Staden foi prisioneiro para ser comido em 1549 são descritos como selvagens e ele favorecido de Deus que, por contato direto lhe salva a vida milagrosa e constantemente. O filme foca sua estadia com os tupinambás e leva, com realismo e rigor etnográfico, a piada quase a sério. Há alterações no filme sobre a relação entre Staden, os europeus e os índios, bem como à sua religiosidade, que mudam a perspectiva da personagem do livro. Além de um francês que encoraja os índios a comerem Staden, são introduzidos dois comerciantes que só visam o lucro. Staden é um oportunista, cuja religiosidade é só uma estratégia de sobrevivência. Mas, tem compaixão e interesse pelos índios e a sua cultura. Os índios, por sua vez, são estranhos e ridículos, embora um pajé critique a invasão europeia.

Alain Fresnot, em “Desmundo” (2002) se baseia no romance de Ana Miranda. Criada em um mosteiro português, Oribela é enviada para se casar no Brasil. O romance narra seu choque cultural, sua adaptação e amizade com as índias, e sua paixão por um muçulmano. Com imaginário católico, onde índios e muçulmanos são monstros, Oribela se opõe ao primeiro noivo, mas aceita se casar com um fazendeiro que a aprecia por negar-se a qualquer lei, seja da coroa ou da igreja. O livro tem o ponto de vista de Oribela em uma linguagem cheia de introspecção. O filme aproveita a parte o enredo e as personagens, mas faz mudanças. No livro, Oribela foge do marido, volta a Portugal, procura o muçulmano e a ele se entrega; no filme, a religião do amante é cristão-novo, a forte religiosidade e a aproximação cultural de Oribela são largados. A visão da colonização no filme – falado em português arcaico e legendado em português moderno – é mais negativa do que no livro onde há uma utópica assimilação cultural e religiosa. No fim do filme, o marido assassina o judeu e, foge da civilização, entra no sertão, aceitando, o filho bastardo como seu.

Paulo Nascimento em “Diário de um Novo Mundo” (2006) adapta “Um Quarto de Léguas em Quadro”, de Luiz Antônio de Assis Brasil, que conta as desventuras de colonos açorianos no sul do país. O romance possui personagens estereotipadas,



RELICI

uma visão simplista dos índios e uma história de amor patética entre o médico e a esposa de um tenente. Mas, as dificuldades devidas às falsas promessas aos açorianos pela coroa portuguesa, o conflito entre Portugal e Espanha vindo da demarcação da fronteira no sul do país e o início do coronelismo brasileiro, possuem interesse histórico.

Miguel Faria Jr. em “O Xangô de Baker Street” (2001), usa o livro de Jô Soares, que mescla Sherlock Holmes e Dom Pedro II. O roubo de um Stradivarius da amante do imperador traz Sherlock Holmes ao Brasil, ligado ao primeiro assassinato em série. O filme mantém o enredo principal e seus personagens. Cenas sórdidas sobre o assassino ou as desventuras do detetive são eliminadas. Os personagens são ridículos; os europeus mais do que os brasileiros. As brincadeiras são quase todas sexistas e estereotipadas, derivam do confronto de Holmes e Watson com a comida, as roupas, as drogas, as sensuais mulheres brasileiras e a religião afro-brasileira. A principal piada sugere que o detetive não consegue descobrir o assassino, apesar de este deixar pistas inconfundíveis e, ainda, que este brasileiro será o temido Jack o Estripador, porque o crime mais atroz só pode ser brasileiro. Ou seja, o Brasil é incompreensível e impenetrável ao europeu.

O produtor português Leonel Vieira escolheu o também português Ferreira de Castro de “A Selva” (2002), que denuncia a exploração escravocrata em um seringal no Amazonas em 1914. É o filme português de maior orçamento de todos os tempos. O romance “A Selva” continua o debate sobre a formação do Brasil, do ponto de vista português. Um jovem monárquico, aluno de direito, fugiu de Portugal e vê a vida dos seringueiros no Amazonas, em quase escravidão. O dono do seringal afasta as mulheres para ganhar pelo consumo de álcool, o que está no romance; essa falta leva o jovem a fantasias com a esposa do guarda livros. O desejo condenado no livro torna-se fato e trama principal no filme. As referências secundárias – o desejo não realizado, o ataque dos índios, a fuga de seringueiros – estão no filme para que o protagonista seja herói, fazendo o que o jovem do livro não faz: seduzir a esposa, admitir que ajudou na fuga, rebelar-se ao patrão e matar um inspetor. O filme tem protagonismo



RELICI

português: é o jovem que interfere com um heroísmo superficial hollywoodiano, no qual se inspira esteticamente.

“Sonhos e Desejos” adapta o romance “Balé de Utopia” de Álvaro Caldas sobre o fim da resistência contra a ditadura brasileira na década de 1970, que parte de uma situação erótica: um jovem revolucionário baleado é escondido por um casal de militantes. Por ser procurado pela polícia, usa um capuz para não revelar sua identidade à esposa. O capuz vira fetiche pelo qual se desenvolve uma atração entre a esposa e o revolucionário. A narrativa mal fala da luta contra o regime. O único diálogo com Portugal ocorre através de um revolucionário português quase louco que morre no final e com nacionalidade brasileira no livro. Livro e filme possuem dois planos de narrativa: o ponto de vista da mulher que conta em primeira pessoa as confusões de seus sentimentos e as cenas entre os personagens. Mas, no filme o enfoque nas emoções é realçado e apaga ainda mais a luta da oposição política por um país democrático nos desejos e prazeres sexuais. Assim, a satisfação individual sobrepõe-se à resistência e impossibilita uma reflexão sobre a ditadura brasileira.

A coprodução luso-brasileira “Call Girl” (2007, Luis Galvão Teles e Tarcísio Vidigal), é sobre corrupção, poder, dinheiro e prostituição; foi o segundo filme português mais visto no país no ano, e a sexta longa-metragem portuguesa de maior público de 2004 a 2014, com 232.581 espectadores. Mas, a obra não foi lançada no Brasil. Em 2013, “Tabu”, premiada coprodução entre Portugal, Brasil, França e Alemanha, terceira longa do produtor português Miguel Gomes, ambientado na África, foi lançado no Brasil, com 22.060 espectadores. Em 2014, “Getúlio”, do diretor brasileiro João Jardim, teve 508.901 espectadores. Atrás dessa obra, o terceiro maior público das coproduções luso-brasileiras foi “Capitães da Areia” (Cecília Amado e Guy Gonçalves, 2011), com 166.071 espectadores (ALVES *et al.*, 2016).

COPRODUÇÃO ÁUSTRIA-ALEMANHA

“A Fita Branca” (2009, vários produtores) trata de fatos que abalaram uma pequena cidade antes da I Guerra Mundial. Aparentemente isolados, um professor



RELICI

local os une e encontra uma terrível verdade: a gênese do nazismo. O título da obra mostra a postura rancorosa de muitos alemães jovens que viriam a apoiar Hitler. A fotografia em preto e branco realça a mensagem comunicada (MACHADO, 2019).

COPRODUÇÃO BÓSNIA-HERZEGOVINA-ÁUSTRIA-ROMÊNIA-HOLANDA-ALEMANHA-POLÔNIA

“Quo Vadis, Ainda?” (2020, Jasmila Zbanic) retrata a guerra nos Balcãs, quando em julho de 1995 a cidade de Srebrenica, na Bósnia, é conquistada pelos sérvios. Os soldados das Nações Unidas precisam acolher centenas de bósnios que buscam refúgio; eles falam inglês, então é preciso um intérprete. Entra em ação Aida, que de esposa e mãe, se transforma em meio de salvação a seus conterrâneos. Apesar de preocupada por todos, prioriza o marido e os filhos. Ao mesmo tempo se apercebe da divergência nas tropas, havendo inclusive alguns superiores que terminam por nada fazer. Os sérvios se aproveitam da fraqueza dos soldados das Nações Unidas para fazer uma limpeza étnica dos bósnios refugiados e começa a executar um plano cruel. Aida se dá conta do perigo, tenta atuar, mas poucos a ouvem. A mesquinhez das autoridades, que não querem assumir responsabilidades, faz com que a tragédia se cometa à frente de todos (MARTINS, 2022).

COPRODUÇÕES FRANCO-BELGAS

“Rosetta” (1999, irmãos belgas Pierre e Luc Dardenne) trata do drama do desemprego, e surpreende ao conquistar a Palma de Ouro em Cannes. Três anos depois, os irmãos lançam “O Filho” (2002), que traz Olivier, marceneiro voluntário na inserção social de adolescentes. Um dia, se interessa por um menino que retornou após um crime cometido. A câmera acompanha quase que apenas Olivier e seu drama ao reagir que seu novo aluno pode ter assassinado seu próprio filho. Ao conviver com o algoz, procura entender as razões daquele ato. A obra não é conclusiva, permanecendo com o final em aberto (BRANDÃO, 2004).

“Dois Dias, Uma Noite” (2014, Jean-Pierre Dardenne e Luc Dardenne) se



RELICI

inicia com a demissão de uma mulher, casada e com dois filhos. Recuperando-se de uma depressão, vem a saber que a decisão partira dos próprios colegas, pois, para receberem um bônus deveriam despedir alguém, tendo feito uma reunião sem a presença dela – que, não se rende e vai falar com o responsável da empresa, mostrando que houvera manipulação nos resultados, em função de ela não ter estado presente na votação. O chefe concede o final de semana, período no qual ela visita todos os colegas, que a conhecem melhor. Na segunda-feira há uma conversa dela a sós com o chefe e uma nova decisão (MARTINS, 2022).

COPRODUÇÃO ÍTALO-FRANCO-ALEMÃ

“Adeus, Meninos” (Louis Malle, 1987) ganhou o Leão de Ouro de Veneza e sete prêmios César da Academia Francesa. A obra traz Julien Quentin, de doze anos, que, junto ao irmão mais velho, ingressa em um internato jesuíta, na Segunda Guerra Mundial. Depois entram outros três rapazes, e Julien faz amizade com um deles, Jean Bonet, de origem judaica. Graças aos religiosos, várias crianças judias são salvas dos nazistas, inclusive havendo castigo aos religiosos por esse auxílio. O filme é sobre amizade e lealdade, mediante o olhar do adolescente, que possui grandes ideais. É uma história verídica, que o diretor presenciou na infância. As crianças que não eram perseguidas aprenderam a ser solidárias aos que sofriam por razões de raça ou de crença. A obra mostra a intolerância sob o prisma dos adolescentes. O respeito às crenças dos demais se mostra como condição da amizade (PRATS, 2005).

COPRODUÇÃO ÍTALO-FRANCESA

“O General della Rovere” (1959, Roberto Rossellini) teve várias indicações ao Oscar e ganhou o Leão de Ouro do Festival de Veneza. A obra trata de Bertone, artesão de Gênova, tentando sobreviver nos duros tempos de Mussolini. Tenta ajudar aos italianos presos pelos nazistas. Conseguindo ou não, sempre cobra seus serviços. Os alemães descobrem e lhe dão a oportunidade de assumir a identidade do General della Rovere, morto pelos nazistas, para passar informes falsos à resistência. O



RELICI

prêmio seria fugir à Suíça. Um dia recebe na prisão uma carta da esposa do General, a quem julga ainda vivo, e recorda o conselho que ele sempre dizia: “quando não saibas qual caminho seguir, vá pelo mais difícil.” A partir de então, se torna um homem íntegro e prefere o fuzilamento, sendo herói da resistência (PRATS, 2005).

“Cinema Paradiso” (Giuseppe Tornatore, 1988) ganhou o Oscar de melhor filme estrangeiro; é uma história de amor pelo cinema. O único passatempo de um rapaz era o cinema. Encantado, sonhava que o cinema se fizesse mágico. O operador do cinema ensina ao protagonista os mistérios ocultos em um filme. O tempo passa, e os garotos da vila crescem enamorados pelo cinema – ao mesmo tempo que o garoto se torna produtor de cinema e TV. Décadas depois, o velho operador vem a falecer e, antes que o cinema seja demolido, deixa ao seu pupilo uma caixa que recorda seus anos de amizade e de amor ao cinema. A obra é uma fábula que ilustra o poder das imagens e o papel da censura (PRATS, 2005).

COPRODUÇÃO ÍTALO-FRANCO-BELGA

“O Carteiro” (Michael Radford, 1994) retrata o escritor Pablo Neruda, Nobel de literatura, nos anos 1952/1953, na ilha de Salina, no Mediterrâneo. Em função das inúmeras visitas do carteiro Mário à casa em que estava Neruda, surge uma amizade entre eles. Mário aprende a beleza da poesia, útil para conquistar Beatrice, que o fascina. Aprende a exprimir o amor com o poder que a palavra representa aos olhos de uma mulher. O filme retrata a amizade entre duas pessoas diversas, com fatos que ocorreram no exílio do poeta. Mediante a força da palavra, o carteiro conquista a mulher amada e vislumbra a riqueza interior do escritor (PRATS, 2005).

COPRODUÇÃO ÍNDIA-INGLATERRA

“Ghandi” (1982, vários produtores) mostra o protagonista como defensor do princípio da não violência, que possibilitou a independência da Índia. Os pontos mais importantes de Ghandi são apresentados, com a brilhante participação do jovem Ben Kingsley no papel título. Além do elenco principal, cerca de quinze mil figurantes



RELICI

participam da obra. Indicado a onze Oscars, conquistou oito, incluindo filme, diretor, ator, roteiro e fotografia (MACHADO, 2019).

COPRODUÇÃO FRANÇA-ITÁLIA-INGLATERRA

“Jane Eyre” (1996, Franco Zeffirelli) trata da personagem título, moça órfã e de bom coração, que vive com uma odiosa tia e com primos de nariz empinado. Dado que as relações não são boas, é encaminhada a um internato para meninas, onde vive dos nove aos vinte anos e aprende o ofício de professora, desenvolvido nessa mesma instituição. Depois será contratada por um nobre para ensinar a filha de uma artista, supostamente filha dele. Jane tem sua primeira experiência sobre o amor e descobre o drama do seu senhor – que a impede de ser feliz. Após um acidente e um intervalo de uns anos, retorna à mansão, recuperando o amor e felicidade que jamais tivera. O nobre é conquistado por Jane em função de suas qualidades, em especial por sua personalidade firme (PRATS, 2005).

COPRODUÇÃO FRANÇA-ALEMANHA-ITÁLIA

“O Processo” (1962, direção Orson Welles, que adaptou a obra clássica de Franz Kafka). O filme narra a história de um homem que acorda com a polícia no quarto para prendê-lo. O julgamento ocorre por algo que o indiciado não tem a menor ideia. Welles usa o melhor do Expressionismo Alemão: cenários, iluminação, fotografia em preto e branco e a posição da câmera fazem da obra uma grande e arrebatadora adaptação de Kafka – cuja introspecção encontra perfeita acolhida na visão grandiosa de Welles (MACHADO, 2019).

COPRODUÇÃO FRANÇA-INGLATERRA

“Billy Elliot – Quero Dançar” (Stephen Daldry, 2000) relata um menino de uma família de mineiros que quer aprender a dançar, na Inglaterra dos anos 1980, com os conflitos existentes por causa das greves. O pai quer que o menino, órfão de mãe, seja boxeador. Mas o rapaz é atraído por umas aulas de dança, sendo admitido pelo



RELICI

potencial que a professora nele enxerga. Apesar de se opor ao pai e ao irmão, essa professora o anima e ensina às escondidas. Após vencer as resistências familiares, ingressa nas escolas de dança mais prestigiosas do país. Com o tempo, alcança seu sonho, atuando nos teatros mais prestigiosos. O filme combina sentimento, música e dança. O enredo do dramaturgo Lee Hall possui elementos autobiográficos e mostra o valor da educação como processo da relação pessoal professor-aluno, fruto de constância, afeto e exigência. A obra também mostra os riscos de se rotularem as pessoas em função de classe social, sexo ou cultura (PRATS, 2005).

COPRODUÇÃO ITÁLIA-INGLATERRA

“Jesus de Nazaré” (1977, Franco Zeffirelli) traz a figura e mensagem do título da obra. Porém, com seus 292 minutos, o filme pode cansar. A versão é fiel ao Evangelho de Lucas. Atores importantes, como Claudia Cardinale, Anthony Quinn e Ernest Borgnine valorizam o filme (PRATS, 2005).

COPRODUÇÃO ESPANHA-FRANÇA-PORTUGAL

“Segredos do Coração” (1997, Montxo Armendáriz) ganhou o Anjo Azul do Festival de Berlim. Retrata duas crianças, irmãos, de uma pequena vila, que vivem com as tias, nos anos 1960. Num feriado vão à casa onde mora a mãe com o avô e um tio, na qual um dos garotos se sente atraído pelo segredo de um quarto, sempre fechado. É o lugar em que haviam encontrado ao pai falecido. O menino descobre segredos dos adultos, com suas frustrações, medos, mentiras e paixões. A obra aprofunda nas relações humanas e reconhece que a felicidade está no amor familiar e na simplicidade da vida – além de mostrar as diferenças do olhar infantil e do complexo mundo dos mais velhos – cheio de passados não resolvidos (PRATS, 2005).

COPRODUÇÃO FRANÇA-CANADÁ

“Incêndios” (2010, Luc Déry e Kim McCraw) concorreu ao Oscar de filme estrangeiro. Começa com a leitura de um testamento aos filhos gêmeos. Há uma



RELICI

exigência estranha: entregar uma carta ao pai, que julgavam morto, e a um irmão, que desconheciam. A obra leva aos eternos conflitos do Oriente Médio, pois se baseia em uma peça de Wadji Mouawad, libanês. O filme é forte, e não mostra onde a trama se passa, ilustrando que pode ocorrer em qualquer país onde há intolerância religiosa casada com crise política (MACHADO, 2019).

COPRODUÇÃO AUSTRÁLIA-ÁFRICA DO SUL

“Desonra” (1999, Emile Sherman) foi dirigido por Steve Jacobs, com roteiro da esposa. Na trama, David (vivido por John Malkovich) é professor na Cidade do Cabo, com vários casamentos que não deram certo, e é demitido por assédio, por envolver-se com uma aluna. Muda-se ao campo com a filha, mas sofrem um violento ataque que muda suas vidas. A obra toca em feridas que continuam abertas e que não são apenas desse país (MACHADO, 2019).

COPRODUÇÃO ARGENTINA-ESPANHA

“O Clã” (2015, Pedro Almodóvar e outros) é dirigido e escrito por Pablo Trapero, baseado na realidade. Arquimedes Puccio, nos anos 1980 em Buenos Aires, com a cumplicidade de familiares e de um militar aposentado, sequestra e mata várias pessoas. A obra é enriquecida pela trilha sonora e pelas cores. Um contexto reforça o caráter de uma sociedade colonizada e sem identidade (MACHADO, 2019).

COPRODUÇÃO FRANÇA-ALEMANHA-LUXEMBURGO

“Hannah Arendt” (2012) trata da personagem título, de origem judaica, que foge do nazismo aos EUA e se torna das maiores pensadoras do século 20. Trata de um período importante da protagonista: no início dos anos 1960 é contratada pela revista New Yorker para ir a Jerusalém acompanhar o julgamento do nazista Adolf Eichmann. A série de cinco artigos que ela escreve mostra uma visão diferente da esperada e provoca escândalo na comunidade judaica (MACHADO, 2019).



RELICI

COPRODUÇÃO FRANÇA-ALEMANHA

“O Deus da Carnificina” (2011, Saïd Ben Saïd) se faz em um só cenário e com quatro atores. Houve um garoto que agride outro. Os pais do agredido convidam os pais do agressor para uma reunião, que visa restabelecer a paz. Tudo começa bem, porém aos poucos surgem as acusações que mudam o clima, apontando diversas hipocrisias (MACHADO, 2019).

COPRODUÇÃO FRANÇA-CAMARÕES

“Minha Terra, África” (2009, Claire Denis). A diretora trabalhou como assistente de Costa-Gavras e Wim Wenders e tem um estilo vigoroso. Suas histórias, simples na aparência, trazem assustadora complexidade. A obra trata das rebeliões em países africanos. Isabelle Huppert tem atuação estupenda ao viver uma fazendeira que cultiva café, e que está indiferente aos perigos. Seu ex-marido teme por sua vida, mas nada detém a protagonista. O filme trata do enredo com um tabuleiro no qual as peças tentam defender seu espaço (MACHADO, 2019).

COPRODUÇÃO FRANÇA-ALEMANHA-ITÁLIA-ESPANHA-SUIÇA

“Aves Migratórias” (2001, vários produtores) percorre as migrações que as aves fazem quando é impossível permanecer no local em que se encontram. A obra acompanha os deslocamentos das aves por mais de quarenta países, tratando da viagem como se fosse a promessa do retorno. As aves fazem viagens de milhares de quilômetros, cheias de perigos, cruzando oceanos e desertos, apenas para sobreviver. Trata-se da luta pela vida. Os produtores adestraram cerca de vinte espécies desde o nascimento para que, ao despertarem para a vida, seguissem seus adestradores como se fossem seus pais. foram feitas seis câmeras especiais para a produção. Brasil, Canadá, China, Índia, Espanha, Quênia, EUA, Nepal, França e Polônia foram ambientes das filmagens. Cada espécie necessitou de uma forma diversa de filmagem. Inúmeros meios foram utilizados: fragatas, botes infláveis, navios da Armada francesa, automóveis, caminhões e artefatos voadores especialmente



RELICI

criados para as filmagens. A obra leva a refletir sobre o respeito ao meio ambiente (PRATS, 2005).

COPRODUÇÃO FRANÇA-PORTUGAL

“A Gaiola Dourada” (Ruben Alves, 2013) trata da volta a Portugal de imigrantes. Foi o filme mais visto na história do cinema em Portugal. O enredo é simples, divertido e caro a muitos portugueses que viveram de perto a emigração. O casal Maria e José Ribeiro vive há 30 anos num dos melhores bairros de Paris, na portaria de um prédio. Eles são queridos por todos no bairro: Maria, porteira e José, da construção civil. São trabalhadores tranquilos, como os franceses enxergam os imigrantes portugueses. Com o tempo, se tornam indispensáveis no dia a dia dos que com eles convivem, tanto mais que, quando surge a possibilidade de concretizarem o sonho das suas vidas e regressarem a Portugal devido a uma herança, ninguém os quer deixar partir. O filme retrata a perspectiva do regresso da família a Portugal e os problemas que a partida vai colocar a todos, à família Ribeiro e aos franceses do prédio, ou mesmo ao patrão de José. Mas será que o casal está, realmente, com vontade de deixar a sua ‘gaiola dourada’? O filme reflete sobre o eventual regresso dos emigrantes a Portugal, depois de anos em França, onde têm as suas vidas definidas e a família sedimentada. Ironicamente, o filme evidencia a inversão do percurso lógico, com os filhos a irem a Portugal e os pais, que emigraram há muitos anos, a mostrarem-se apegados ao país de acolhimento, afinal, o seu ‘verdadeiro’ país. A obra também foca a temática das minorias e das suas questões de identidade com um olhar francês que destaca a hospitalidade desse país. Assim, apesar das raízes, o país de acolhimento tem poder de atração, mesmo porque a realidade de onde se vive termina por refletir uma sociedade mais rica. No filme, os emigrantes ficam anos sem retornar a Portugal, porém, fazem questão de manterem vínculos mediante o cultivo de elementos culturais. A obra faz refletir sobre o fenômeno da emigração e a novidade representada pelo retorno de muitos, em função das maiores facilidades de transporte e comunicação (SOUSA, 2014).



RELICI

COPRODUÇÃO FRANÇA-BÉLGICA

“A Criança” (2005, irmãos Jean-Pierre e Luc Dardenne) ganhou a Palma de Ouro de melhor filme. Traz o drama de Bruno, jovem sem emprego ou perspectiva que vive de pequenos golpes. Tem um filho com a namorada; não podendo sustentá-lo, decide vendê-lo, sem o consentimento da mãe. Os Dardenne tratam de temas forte, sem serem chatos (MACHADO, 2019).

COPRODUÇÃO FRANÇA-INGLATERRA-BÉLGICA

“O Oitavo Dia” (1996, Jaco van Dormael) traz um protagonista com sucesso profissional, mas amargurado pelo fracasso matrimonial e por não poder ver as filhas. Uma noite, quando está sem trabalho e pensa em suicídio, coincide com um rapaz com síndrome de Down, que fugiu do centro que o tratava e que anda desorientado. O protagonista o acolhe durante alguns dias. O garoto pensa que a mãe vive, apesar de já ter falecido, por isso a irmã e o cunhado o colocaram na instituição que o cuidava. Os dois perdedores iniciam um percurso rumo à felicidade e amor dos semelhantes. Visitam a irmã do rapaz e as filhas do que tivera sucesso na profissão, retornando à organização para um novo período de internação. O tema central é a aceitação do ser humano com suas limitações e heroísmos. A obra detém um realismo mágico que vai do realismo mais duro à fantasia (PRATS, 2005).

COPRODUÇÃO BÉLGICA-BÓSNIA HERZEGOVINA-FRANÇA-ITÁLIA-ESLOVÊNIA-INGLATERRA

“Terra de Ninguém” (Danis Tanovic, 2001) recebeu o Oscar de melhor filme estrangeiro. Retrata um grupo de soldados bósnios que vão verificar as linhas inimigas; todos são eliminados, menos Chiki, que se esconde. Dois soldados sérvios vão conferir a situação, Chiki elimina um e faz um pacto com o outro para saírem das trincheiras. Negociam suas vidas em uma guerra sem sentido. Um deles havia colocado uma mina sob um soldado que está vivo. Chegam as forças da paz e os



RELICI

repórteres, que vão embora sem fazer nada. É uma crítica da guerra e do papel das “forças de paz”, sendo que a Europa fez pouco para deter as sangrentas represálias dos dois lados. Também os meios de comunicação são criticados (PRATS, 2005).

COPRODUÇÃO ESPANHA-MÉXICO

“O Labirinto do Fauno” (2006, produzida e dirigida por Guillermo del Toro) se inicia com a mãe da garota Ofélia, protagonista, chegando ao quartel do Cap. Vidal, seu novo esposo, de quem está grávida. Há um pano de fundo histórico: o final da luta contra o regime franquista, em um pequeno povoado. Antes da chegada ao quartel, por acaso, Ofélia encontra um pedaço da estátua do fauno, e o coloca em seu devido lugar, com isso, se insere em um mundo de fantasia. A obra traz dois motivos ligados às fábulas: criaturas estranhas e um labirinto. O amedrontador fauno impõe a Ofélia passar por um teste para ser feliz. A guerra tem um subproduto formado pelo medo. Há um portal mágico que liga dois mundos e faz Ofélia escapar de Vidal. O fauno conta a história de uma princesa, acreditando ser Ofélia; isso leva a menina a acreditar nele e querer superar o teste, trama que faz o espectador aguardar um final feliz, e que ocorre em paralelo à vida no povoado em meio aos revolucionários que enfrentam a tropa de Vidal e ao nascimento do garoto. A fábula surge pela tensão sobre Ofélia: a perda do pai, a chegada de um meio irmão, a necessidade de passar a viver com um padrasto nada amigável, e a falta de amizades na vila. A obra mostra que há vontade de lutar por uma Espanha melhor, tanto nos revolucionários quanto em Vidal, porém, mediante distintos caminhos. O percurso de Ofélia em sua fantasia é símbolo de sua vontade de se livrar do padrasto, e da luta dos guerrilheiros e de alguns membros do próprio quartel que os ajudam a se libertarem do regime. Ofélia cumpre as provas, mas, ao ser alvejada por Vidal por estar passeando com seu filho, parece morrer, mas em seu próprio ponto de vista, ela se vê no palácio, recebida pelo rei como a prometida princesa, enfim, a concretização de seu sonho (MAGALHÃES; MAGALHÃES, 2013; AYUNINGTYAS, 2015).



RELICI

COPRODUÇÃO FRANÇA – LÍBANO

“Cafarnaum” (2018, Khaled Mouzanar) trata de Zain, de apenas doze anos, que vive em um cortiço e precisa assumir responsabilidades, pois os pais são ausentes. Tudo piora quando a irmã com onze anos é obrigada a se casar. Após sair de casa e retornar, processa os pais por negligência. A obra é dura, com grande atuação do ator que vive o menino (MACHADO, 2019).

COPRODUÇÃO FRANÇA – LÍBANO – BÉLGICA – CHIPRE

“L’Insulte” (2017, Ziad Doueri) retrata o conflito no Oriente Médio. O que pareceria um simples insulto pode ganhar dimensões enormes, destruir carreiras profissionais e afetar vidas de forma irreversível. Um palestino insulta um libanês por um motivo banal que poderia ser resolvido com um pedido de desculpas. Porém, o orgulho ferido impede isso, indo o assunto a um tribunal. O patrão de um dos envolvidos o despede para não ser envolvido na refrega. Mas os dois acabam se entendendo, ao ver que o conflito já os superara, dado que alimentar intrigas e calúnias haviam atingido todos os envolvidos (MARTINS, 2022).

COPRODUÇÃO ITÁLIA-INGLATERRA-EUA-FRANÇA

“Chá com Mussolini” (1999, Franco Zeffirelli) traz a visão autobiográfica do diretor em sua infância e adolescência, no período fascista de Mussolini. A cidade em que vive é Florença, ficando clara a importância da educação humanística que recebe. Tais valores marcam sua personalidade e a maneira de encarar os problemas. Outro fator crucial é representado pelos laços familiares e pelas amizades. A relação com os pais é uma fonte de problemas; mas as ligações com quem cuida dele são especialmente importantes (MARTINS, 2022).

COPRODUÇÃO ITÁLIA-FRANÇA

“Queimada” (1969, Gillo Pontecorvo). O diretor produziu em 1960 “Kapo – Uma História do Holocausto”. Nesta obra, trata de uma história do século 19 em uma



RELICI

ilha do Caribe, à qual é encaminhado um mercenário britânico, vivido por Marlon Brando, para incitar uma revolta popular que beneficiará a Inglaterra. Dez anos depois, volta à ilha para nova reviravolta. O filme tem uma trama que continua atual, ao questionar o imperialismo e o domínio dos mais fracos pelos mais fortes. O filme termina por ser uma aula de política (MACHADO, 2019).

COPRODUÇÃO ALEMANHA-FRANÇA-INGLATERRA

“Sozinhos em Berlim” (2016, Vincent Perez) retrata um casal de classe média que se opõe ao regime nazista. O marido é operário em uma fábrica. Quando o filho morre na guerra, o casal constata que Hitler é um monstro tanto para seu próprio povo quanto para o resto do mundo. Resolvem tomar uma atitude: sem ingressar em nenhuma organização de resistência, usam pequenos atos que se encontram ao seu alcance – como ajudar uma judia que mora no mesmo prédio. Depois começam a escrever cartões à mão, com frases contra Hitler, deixando-os em locais movimentados, para que o povo tome consciência da crueldade reinante. Os nazistas não descobrem quem está por trás dessas mensagens; quando o chefe da polícia é insultado pelo superior como incompetente, se dá conta da injustiça do regime, mas continua a cumprir o dever. O casal é preso e morto, mas o exemplo desperta as consciências de outros. O próprio chefe da polícia cessa suas operações e amplia o raio de ação originalmente pretendido pelos cartões (MARTINS, 2022).

COPRODUÇÃO FRANÇA-POLÔNIA

“Danton – O Processo da Revolução” (1982, Margaret Menegoz e Barbara Pec-Ślesicka) foca o Reino do Terror, com cabeças caindo cada dia. Danton e Robespierre, que haviam proclamado a Declaração dos Direitos do Homem, agora estão em lados opostos. A complexidade das personagens está bem retratada, mediante bons atores (MACHADO, 2019).



RELICI

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No cinema brasileiro, há inúmeras coproduções junto a Portugal, inclusive uma de 1949, entre Luiz Severiano Ribeiro Jr. e António Lopes Ribeiro. Também foram verificadas diversas coproduções entre países dotados de tradição no cinema, e que vieram a viabilizar obras conhecidas e premiadas, como “Cinema Paradiso” e “Adeus Meninos”, além de obras de diretores e produtores célebres como Roberto Rossellini, Pedro Almodóvar, Tim Burton, Guillermo del Toro e Steven Soderbergh. Ademais, destacam-se várias obras de Franco Zeffirelli como fruto de coproduções.

O estudo permite apontar a ferramenta da coprodução como interessante alternativa para países que não possuem a infindável fonte de recursos de Hollywood e do cinema norte-americano.

Novos artigos podem tratar com profundidade de alguns autores específicos, inclusive com a busca de fontes primárias.

REFERÊNCIAS

ALVES, T. C. *et al.* **Serviço público de comunicação e cultura: coproduções musicais e cinematográficas em Portugal e no Brasil.** Comunicação e Sociedade, v. 30, 2016, p. 367–385. Doi: [http://dx.doi.org/10.17231/comsoc.30\(2016\).2503](http://dx.doi.org/10.17231/comsoc.30(2016).2503)

AYUNINGTYAS, P. **The structural analysis of Pan’s Labyrinth by Guillermo Del Toro as a fantastic film.** Humaniora – Language, People, Art and Communication Studies. V. 6, N. 2, Apr./2015: 177-183.

BRANDÃO, M. S. **Leve Seu Gerente ao Cinema.** Rio de Janeiro: Qualitymark, 2004.

FERREIRA, C. O. **Monólogos lusófonos ou diálogos trans-nacionais** – O caso das adaptações luso-brasileiras. XI Congresso Internacional da ABRALIC Tessituras, Interações, Convergências. 13 a 17/julho/2008, USP.

MACHADO, M. **Cinemarden vai aos tribunais.** Brasília: Caputo Bastos & Fruet, 2019.

MAGALHÃES, E. M.; MAGALHÃES, M. M. S. **Sob o Signo da História e da Ficção: O labirinto do Fauno.** Revista FACISA On-Line, MT, v. 2, n.1, p. 106-113, jul.-dez/2013.



RELICI

MARTINS, P. M. **O Cinema Inspira a Vida** – Crônicas Sobre 101 Filmes. Alcochete: Smartbook, 2022.

PRATS, L. **Cine Para Educar**. Barcelona: Belacva de Ediciones y Publicaciones S. L., 2005.

SOARES, P. M. F. **Identidade e Modernização como modelos de políticas culturais**. X Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais. Universidade do Minho, 2009, ISBN: 978-989-96335-0-6.

SOLOT, S. (Org. e Ed.). **Current Mechanisms for Financing Audiovisual Content in Latin America 3**. Rio de Janeiro: LATC, 2017.

SOUSA, V. **O filme “A Gaiola Dourada”**: Reflexões sobre o regresso em força da emigração portuguesa e a ‘portugalidade’ de uma gaiola (cada vez menos) dourada. Observatorio (OBS*) Journal, v. 8, nº 3 (2014), 039-074.